

De Serra em Serra ...

instabilidade e conflito no final da Idade do Ferro do Alentejo Central

Rui Mataloto*

Catarina Alves**

Mário Carvalho***¹

"Ao Norte a serra de Castelo Velho em memoria daquele que sobre a sua eminencia edificarão os antigos Lusitanos no felicíssimo governo dos dous Viriatos, e Sertório, do qual ainda hoje testemunhão as suas ruínas a grandeza da sua fabrica, a quem bastava aquele sitio para o fazer mais inexpugnável, e forte, que o de Milão."

Frei Henrique de Santo António, 1745, p. 76

1. Aspectos introdutórios: alguns considerandos sobre textos e contextos de estudo

As informações constantes nas fontes clássicas constituíram, e com alguma certeza constituem, um dos pilares fundamentais do conhecimento das sociedades peninsulares que acompanharam a instalação do poder de Roma.

A realidade arqueológica foi entendida, em grande medida, até à última década do século passado, principalmente à luz das informações das fontes clássicas, como que numa ânsia de justificação das leituras efectuadas. Por outro lado, o enquadramento teórico-metodológico em velhas correntes histórico-culturalistas impunha seriação artefactuais (nunca verdadeiramente realizadas) e étnicas correlativas,

unicamente possíveis através das informações proporcionadas pelas fontes clássicas (Fabião, 1998, vol. I, p. 51 e 60 e *passim*).

No entanto, o desenvolvimento de novas atitudes teóricas e metodológicas, quer no campo da Arqueologia, quer da História Antiga, conduziu a um menor protagonismo das fontes clássicas, e a uma relativização das informações aí contidas, reveladoras unicamente da perspectiva dos invasores e dos vencedores, traduzindo assim um panorama profundamente distorcido e parcial (Fabião, 1998, vol.I, p. 51 e *passim*). Neste particular, interessa-nos principalmente realçar a pro-

1 - *Município de Redondo ** Arqueóloga ***Estudante de Arqueologia. Estamos particularmente gratos ao Prof. Dr. Manuel Calado por todo o apoio concedido ao presente estudo. Muitas das ideias aqui expostas surgiram dos muitos e acentos debates que tivemos.

funda transformação e crítica que conheceram as fontes relativas às Guerras Lusitanas, e à presença e caracterização das entidades lusitanas. Todavia, estamos certos que, apesar da necessidade de uma sensível alteração das perspectivas sobre os Lusitanos e a guerra desenrolada no Ocidente peninsular durante os meados do séc. II a.C., este foi um século marcado por uma forte instabilidade e transformação das realidades locais perante a ascensão e domínio de um novo poder, Roma (Fabião, 1998; Blázquez *et al.*, 1988, p. 59 e *passim*).

Deste modo, cremos que esta realidade terá ficado irremediavelmente marcada nas evidências arqueológicas, sendo absolutamente necessário afastar preconceitos e assumir, de modo crítico, as leituras constantes nas fontes clássicas, sob pena de pertermos uma perspectiva de conjunto.

É assim, com assumido risco, que perspectivamos as leituras das realidades arqueológicas que exporemos de seguida à luz das indicações dadas pelas fontes clássicas.

Consideramos, todavia, despiciendo por manifesta falta de espaço, uma reflexão e exposição alargada dos acontecimentos citados nos textos clássicos, referentes aos contextos de forte instabilidade desenrolados no sudoeste peninsular ao longo de todo o séc. II a.C., os quais são, relativamente conhecidos (Fabião, 1992; 1998; Blázquez *et al.*, 1988, p. 59 e *passim*).

2. Serra Pedrosa – notícia de identificação e perspectiva global

A identificação do Serra Pedrosa (SRP) em 2003, por Mário Carvalho e João Santos, resultou de trabalhos de prospecção no concelho de Évora, sob a direcção do Prof. Dr. Manuel Calado.

O sítio encontra-se na extremidade sudeste da Serra de Monfurado, a Oeste da cidade de Évora, implantando-se num dos últimos grandes cabeços da serra, nas imediações da ribeira de Valverde. A ocupação estende-se por vários hectares de uma crista alongada, que domina visualmente toda a extensa peneplanicie que se espraiia para Sul e Nascente. A sua localização, adjacente a uma importante zona de transitabilidade natural entre as bacias hidrográficas do Tejo e do Sado, confere-lhe grande relevância estratégica no controlo da paisagem envolvente. Este importante caminho natural acabou por ficar assinalado pela Via romana de *Olisipo a Augusta Emerita*, localizada escassos dois quilómetros a Sul.

O povoado encontra-se bastante perturbado pelas surribas para plantio de eucaliptos, que afectaram por completo a estratigrafia e possíveis estruturas conservadas, expondo um amplo conjunto de cerâmicas integráveis na Idade do Ferro. Apesar da intensa afectação não foram registados quaisquer vestígios da presença de estruturas de fortificação. Para além desta ocupação, claramente a melhor documentada, foi também possível identificar uma outra genericamente pré-histórica.

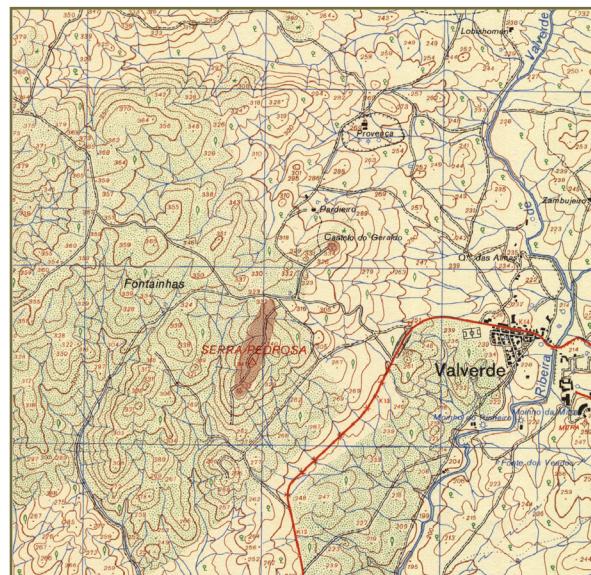


Fig. 1 – Implantação e área de dispersão dos vestígios da Serra Pedrosa na CMP 1:25 mil - 459

A ocupação sidérica faz-se representar, principalmente, por um monótono conjunto de largas dezenas de fragmentos de bordos extrovertidos pertencentes a grandes recipientes de armazenagem, produzidos a torno (Fig. 3 e 4). Foram também recolhidas asas de rolo, fundos côncavos, planos e em pé de anel. A cerâmica manual adstritiva a este momento é também escassa. Será de realçar a presença de um fragmento de bordo de "Kalathos", de produção aparentemente regional (v. Fig. 3 e 8). A decoração cerâmica é rara, constando apenas de motivos incisos, nomeadamente de linha ondulante e uma quebrada, além de um exemplar de cerâmica pintada em bandas, igualmente de produção aparentemente regional. Este corresponde a um grande recipiente a torno, de bordo exvertido e perfil em "S", pintado com tinta vermelha violácea. A decoração consiste numa série de bandas, que intercalam sequências de quartos de círculos concêntricos, com fortes conotações nas decorações ibéricas (v. Fig. 5).



Fig. 2 – Vista geral, do quadrante Sul, do povoado da Serra Pedrosa

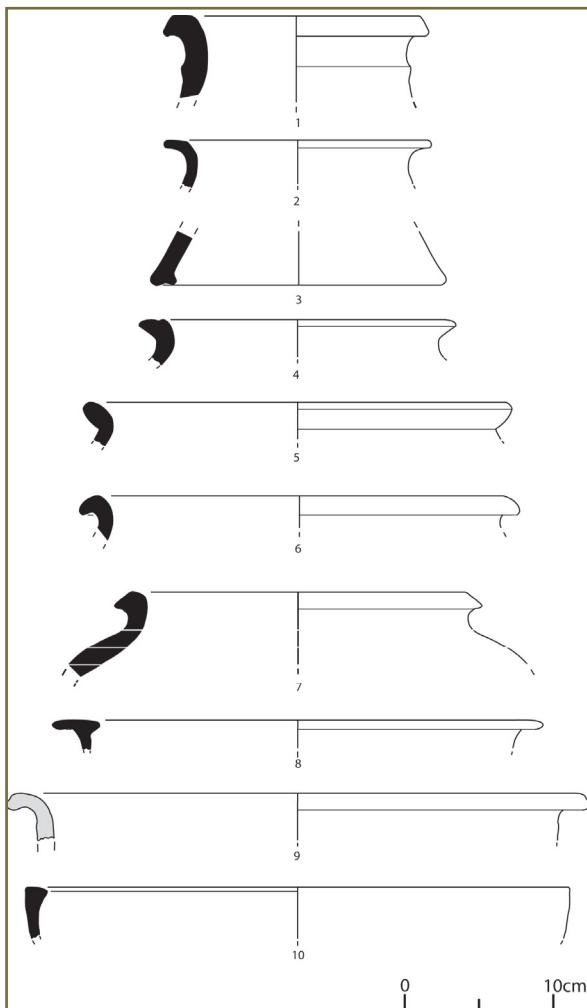


Fig. 3 – Conjunto cerâmico, de superfície, do Serra Pedrosa

Para além da componente cerâmica registou-se ainda a presença de pedras de amolar, um fragmento de mó circular rotativa e uma enxó de ferro (v. Fig. 5, 1).

Perante este conjunto artefactual, que nos surge relativamente coerente, cremos poder enquadrar cronologicamente a ocupação num momento impreciso do séc. II a.C., atendendo às características evoluídas do aparelho cerâmico, com bordos moldurados, de lábio plano e pequenos colos verticais, característicos principalmente da Fase III de Berrocal Rangel (Berrocal, 1992).

O sítio da Serra Pedrosa encontra-se nas imediações de dois sítios relativamente conhecidos da proto-história da região de Évora, o Castelo do Giraldo, a 1km para NW, ficando o Coroa do Frade a cerca de 2km a Norte.

O Castelo do Giraldo, principalmente conhecido pelas suas ocupações Calcolítica e da Idade do Bronze, apresenta, todavia, uma instalação da Idade do Ferro genericamente semelhante à registada no Serra Pedrosa, que lhe fica praticamente contígua. Em estudo recente, um de nós (R.M.), constatou igual monotonia e aspecto tardio do conjunto cerâmico aqui recolhido (Mataloto, 1999), pelo que julgamos tratar-se, na realidade, de um único estabelecimento bi-par-

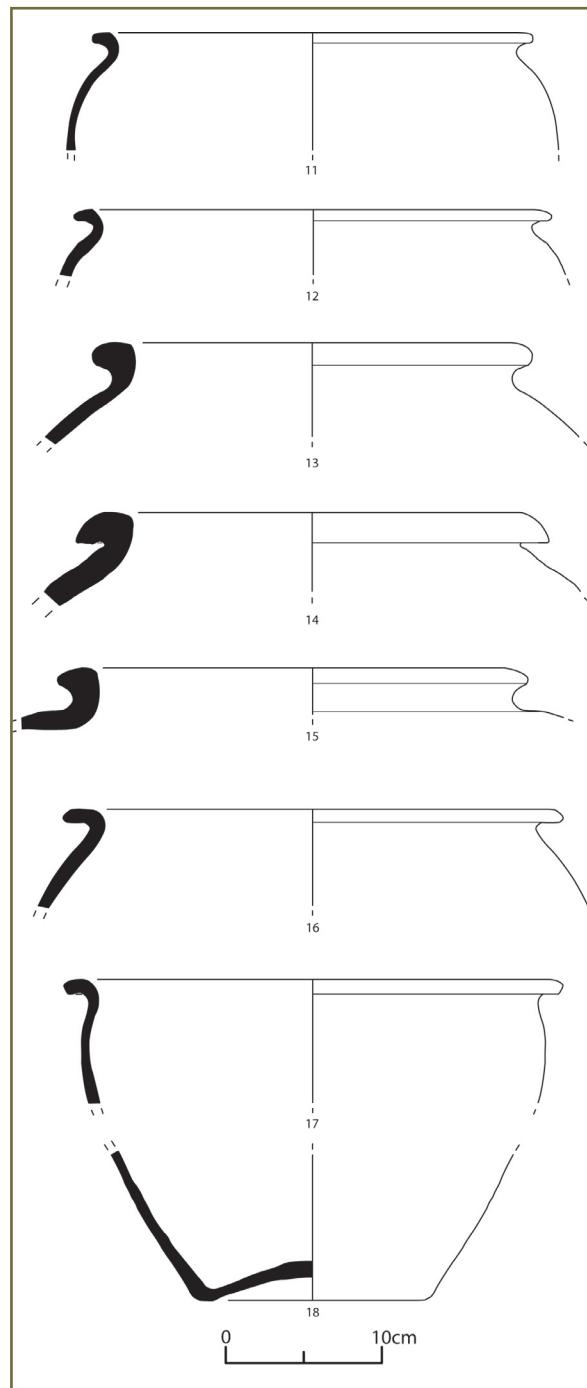


Fig. 4 – Conjunto cerâmico, de superfície, do Serra Pedrosa

tido, motivado talvez pelo peculiar controlo visual proporcionado pelo Castelo do Giraldo sobre a planície a Ocidente de Évora, permitindo o amplo topo onde se implanta o Serra Pedrosa maior desafogo de espaço que o proporcionado por este último.

No que diz respeito ao Coroa do Frade, gostaríamos apenas de reforçar a grande proximidade deste importante contexto do final da Idade do Bronze, extremamente relevante para compreender as estratégias de implantação destas realidades tardias da Idade do Ferro, como veremos.

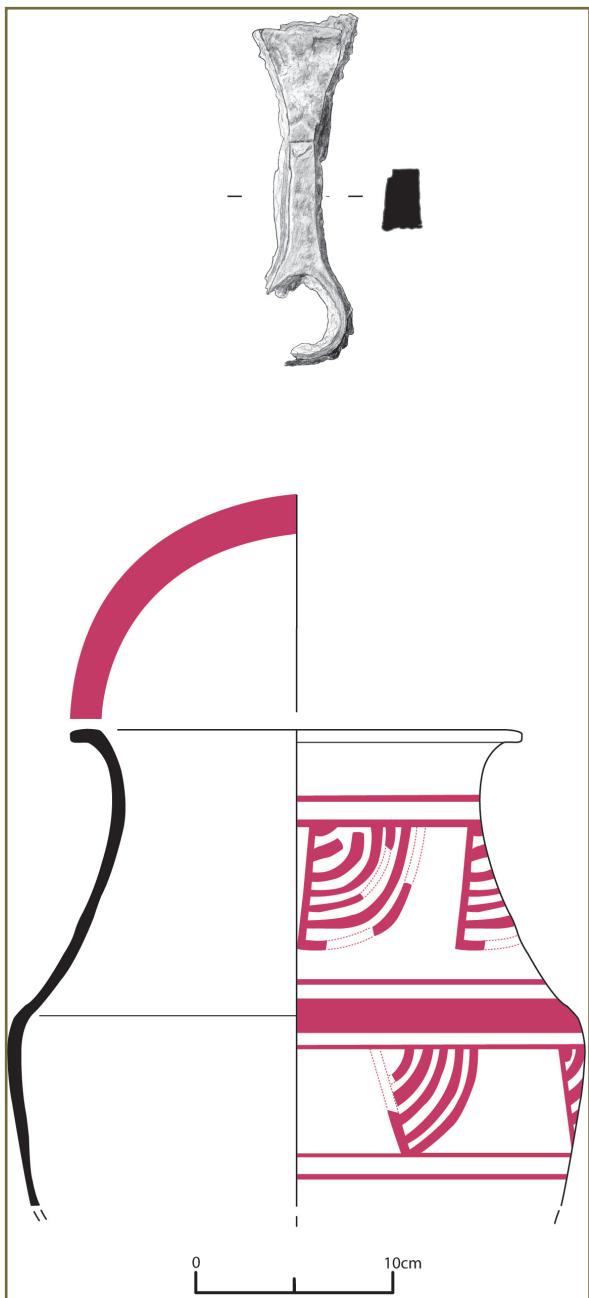


Fig. 5 – Recipiente fracturado em conexão, à superfície, e artefacto metálico, em ferro, do Serra Pedrosa

3. Castelo Velho da Serra d'Ossa – novas velhas leituras

O sítio do Castelo (Calado e Mataloto, 2001) ou do Castelo Velho da Serra d'Ossa, como foi mencionado por Gabriel Pereira no final do séc. XIX (Pereira, 1889), é conhecido como local de povoamento antigo ao menos desde meados do séc. XVIII, onde é referido em diversas publicações (Henrique de Santo António, 1745), para além das Memórias Paroquiais de 1758. Localizado num dos topos da serra d'Ossa, domina a vastidão da planície centro alentejana, e controla importantes caminhos de transitabilidade natural, que permitem vencer

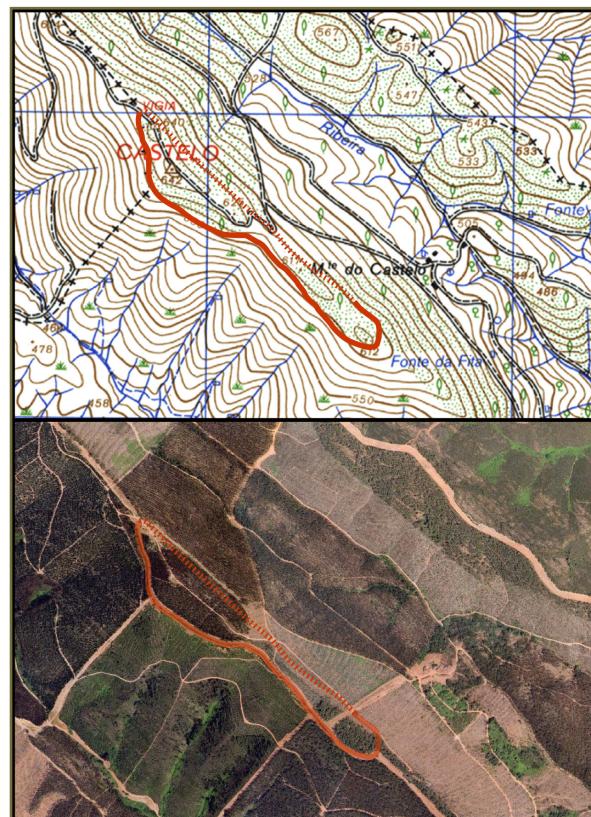


Fig. 6 – Implantação do Castelo Velho da Serra d'Ossa na CMP 1:25mil
– 440 e fotografia aérea da mesma área; a vermelho, taludes do possível recinto fortificado.

as distâncias entre os estuários do Tejo e Sado e as planuras do interior extremeno.

O Castelo Velho da serra d'Ossa é uma ampla ocupação de mais de 14ha, dispersa ao longo de uma extensa e destacada linha de cumeada, que engloba o segundo ponto mais alto da serra d'Ossa, estando aparentemente cercada por uma linha de fortificação, passível de ser registada numa extensão aproximada de mais de 1,5km.

O conhecimento do local resulta, essencialmente, de intensas recolhas de superfície favorecidas pela fortíssima afectação que o sítio conheceu na sequência do processo de eucaliptização da serra d'Ossa desde os anos 60. Além do plantio, a abertura de corta-fogos continua a provocar a destruição dos vestígios arqueológicos expondo diversas realidades estruturais, bastante afectadas, como a muralha, ou contextos de abandono como os que geraram uma pequena intervenção de emergência no Verão de 2005. Esta corresponde à única intervenção arqueológica levada a efeito no local, tendo por objecto a escavação de uma possível cista e a remoção de um conjunto de cerâmicas, da Idade do Bronze, fracturadas em conexão, expostas pela erosão num dos estradões. Do vasto conjunto artefactual sobressaem dois momentos de ocupação, detectáveis em igual extensão, correspondentes a uma instalação do final da Idade do Bronze e uma outra da Idade do Ferro.



Fig. 7 – Vista geral, do quadrante Sul, da crista do Castelo Velho da Serra d'Ossa

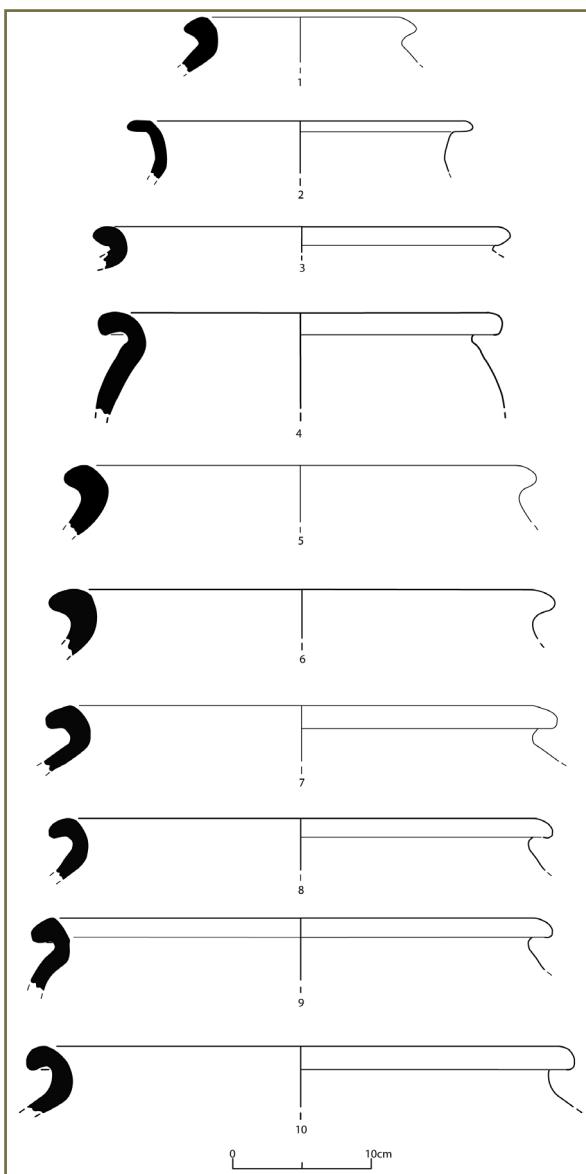


Fig. 8 – Conjunto cerâmico do Castelo Velho da Serra d'Ossa (seg. Calado e Rocha, 1997, modificado)

Ainda que o primeiro destes conjuntos seja mais numeroso, importa aqui realçar o correspondente à ocupação sidérica, que se encontra igualmente bem representada.

O conjunto cerâmico integrável na Idade do Ferro é esmagadoramente composto por grandes recipientes de armazenagem, mais de uma centena, de bordo exvertido e perfil sinuoso, sendo as formas de consumo individual muito raras. A decoração cerâmica está efectivamente ausente. Numa perspectiva geral, o conjunto integra-se nas tipologias disponíveis para o sudoeste peninsular, em particular nos tipos tardios dentro da Fase III de Berrocal (1993), assemelhando-se bastante ao conjunto reconhecido no Serra Pedrosa.

Deste modo, e apesar da total ausência de materiais romanos de importação, cremos que a ocupação acabará por se centrar dentro do séc. II a.C..

Apesar da sua implantação num dos cerros mais destacados da serra d'Ossa, demonstrando particulares cuidados com a defensabilidade, estamos em crer que a grande estrutura de fortificação, denunciada pelos taludes e pelas evidências resultantes da sua afectação pelo plantio dos eucaliptos, será efectivamente correspondente à ocupação mais antiga. Assim, tal como na Serra Pedrosa, esta deverá ser uma extensa ocupação sem vestígios aparentes de fortificação, ou esta seria em materiais perecíveis, que não deixaram evidências superficiais.

4. O final da Idade do Ferro no Alentejo Central: breve sinopse de enquadramento

O território centro alentejano situava-se, na segunda metade do Iº milénio a.C., na transição entre várias entidades étnicas, sendo muito provavelmente ocupado por Célticos, instalados nos característicos “castros de ribeiro”, usualmente dotados de relevantes estruturas defensivas, implantados sobre alcantilados rochosos, relativamente discretos na paisagem, junto de importantes linhas de água. São, em geral, ocupações relativamente modestas, que oscilam entre os 1 e 3 ha, atingindo raramente dimensões maiores. Apesar de se conhecerem mais de uma dezena destes povoados no Alentejo estão, todos eles, ainda muito mal caracterizados, tendo raras vezes sido objecto de intervenções, e mesmo assim pontuais, caso dos povoados do Castelo Velho de Veiros, (Arnaud, 1970), Castelão de Rio de Moinhos (Calado e Rocha, 1997), Castelo Velho das Hortinhas (Calado, 1993) ou do Alto do Castelinho da Serra (Gibson, Correia e Burgess, 1999).

Se este é o modelo de instalação mais conhecido no Alentejo Central para a época em questão, tem sido possível registar, nos últimos anos, uma certa diversidade de outros modelos, maioritariamente correspondentes a pequenas e médias instalações em meio rural, que acabam por nos traduzir uma imagem bem menos belicosa da realidade, neste período cronológico. É certo que, nalguns casos, como na Malhada das Mimosas (Calado, Mataloto e Rocha, n.p.), estas devem apenas surgir num momento já bastante avançado da segunda metade do milénio, provavelmente já após o período de conquista.

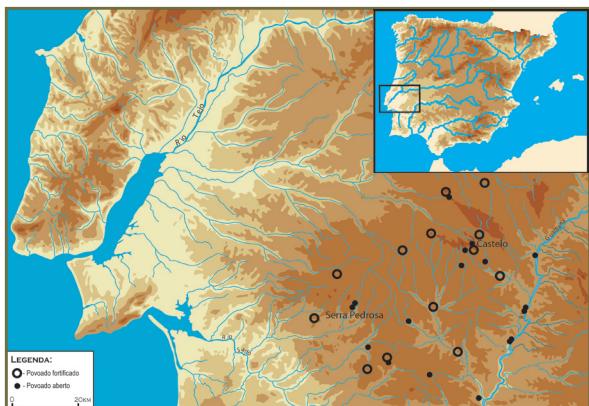


Fig. 9 – Povoamento pré-romano do Alentejo Central

As já mencionadas ocupações fortificadas arrancam, usualmente, pouco depois dos meados do milénio, acabando alguns deles por sobreviver, de uma forma ou de outra, até ao início da época Imperial, como nos demonstram as evidências recolhidas em povoados como o Castelo Velho do Degebe².

A escassez de trabalhos em extensão nestes povoados centro alentejanos impede um melhor conhecimento da evolução destas realidades; todavia, a imagem retirada das recolhas superficiais permite, na maior parte dos casos, perspectivar uma imagem geral de continuidade diacrónica, relativamente estável, que deverá alterar-se apenas num momento avançado da Idade do Ferro, eventualmente posterior ao período da conquista.

As ocupações sidéricas do Serra Pedrosa e Castelo Velho da Serra d'Ossa rompem, claramente, com esta leitura, emergindo deles uma realidade completamente distinta, vinicamente fugaz, beligerante e instável.

Pela primeira vez, e quase sempre a única, se retomam modelos de instalação apenas conhecidos para o final da Idade do Bronze, ocupando-se o topo de serranias inóspitas e distantes, destacadas na paisagem de um modo imponente. Deles sobressai uma ocupação única, usualmente bastante extensa (acima dos 3ha), sincrónica, genericamente dentro do séc. II a.C., onde dominam os grandes recipientes de armazenagem, como se houvesse uma preocupação acrescida da acumulação.

Para além dos dois casos aqui tratados começam a surgir indícios de que este tipo de realidades se alargou a outros locais com características semelhantes (Serra Murada, Pedras da Careira, etc), o que apenas uma cuidada revisão das escassas informações disponíveis poderá confirmar.

O aparecimento, e desaparição, destas unidades de povoamento, ocupadas durante um tempo aparentemente curto, dentro do séc. II a.C., é tentadoramente apelativo a uma associação directa com os contextos militares decorrentes

das Guerras Lusitanas; todavia, a grande dificuldade de precisar a sua cronologia, a ausência de material bélico, e a insegurança geral, no sudoeste peninsular, antes e depois daquele episódio da conquista, não permite grande veleidades interpretativas. Todavia, julgamos ficarem bem patentes nestas ocupações as condições particularmente hostis a que estes territórios e gentes estariam submetidos, para que uma parte da população se sentisse pressionada a ocupar os topes das serranias mais inóspitas da região. Quer sejam instalações de base militar, quer resultem da instalação de novos contingentes populacionais durante ou após o período das Guerras Lusitanas, ou de outro qualquer conflito durante o séc. II a.C., o certo é que transmitem uma clara imagem de instabilidade, por vezes difícil de entrever nos grandes povoados indígenas que, vindos de trás, permanecem como elementos vertebradores destes territórios após a conquista. A vida aparentemente curta destes grandes povoados choca, igualmente, com o *modus operandi* dos exércitos romanos ao longo do séc. II a.C., que se encontra devidamente exposto no extraordinário “Bronze de Alcântara”, onde a comunidade indígena derrotada em 104 a.C. é autorizada a permanecer no seu povoado mediante o cumprimento de um conjunto de medidas (López Melero, et. al. 1984). Deste modo, só mesmo o carácter ocasional e temporário, derivado de um contexto de beligerância, poderia explicitar a existência de aglomerados com a extensão do Serra Pedrosa e Castelo Velho da Serra d'Ossa.

O povoamento indígena parece sofrer uma forte reestruturação nos finais do séc. II/inícios do séc. I a.C. (v. Berrocal, 1996), detectando-se a continuidade de ocupação em alguns dos que são, ou se tornam, os maiores povoados da região, caso Evoramonte³, de Castelo Velho de Veiros (Estremoz) (Arnaud, 1970), Castelos do Monte Novo (Évora) ou Castelo Velho do Degebe (Reguengos); este facto não invalida que outros de menores dimensões, como o Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo) (Gibson, Correia e Burgess, 1998) ou Granja (Estremoz) (Calado e Rocha, 1997), permaneçam ocupados durante este período, tornando evidente que este não foi um processo linear.

A ausência de estudos aprofundados não permite caracterizar efectivamente a ocupação e a diacronia destes povoados, limitando de sobremaneira a avaliação do seu papel como grandes centros populacionais. Não é certo que todos eles permaneçam ocupados até ao início do período Imperial, podendo, como é o caso de Vaiamonte, de longe o melhor conhecido, cobrir apenas parte da diacronia republicana (Fabião, 1996, p. 60).

A recente identificação de uma ocupação bastante extensa em Evoramonte (v. nota 2), largamente superior a qualquer outro povoado da região, com clara permanência em período republicano, parece obrigar a um recentrar do discurso so-

2 - Materiais à guarda da EDIA, recolhidos após as maciças destruições provocadas pela surriba para plantio de eucaliptos

3 - Apesar de conhecido, desde há algum tempo, enquanto povoado proto-histórico (Calado e Rocha, 1996-97), somente nos últimos tempos uma cuidada revisão, por Manuel Calado, da envolvente do castelo medieval permitiu compreender a real extensão do povoado, e aclarar um pouco melhor a sua diacronia de ocupação (www.crookscape.blogspot.com, Evora Monte: as paisagens invisíveis, de 08 de Janeiro 2007).

bre a época republicana na região. Tem sido proposto, com base essencialmente nas fontes clássicas, a possibilidade de se tratar do núcleo urbano de *Dipo* (Alarcão, 1988, p. 98) que, se parece ser bastante atraente, não deixa de ter as suas fragilidades (Fabião, 1998, vol. I, p. 55); por outro lado, tem surgido nos últimos anos a possibilidade de se tratar da *Ebora* pré-romana (v. nota 2), esgrimindo-se essencialmente argumentos topográficos e geográficos, mas também arqueológicos, dada a inexistência de ocupações antigas sob o núcleo romano de Évora.

A possibilidade de se tratar de *Dipo* traria esta região para o palco de um dos primeiros recontros das Guerras Lusitanas ou das campanhas sertorianas da Guerra Civil, ajudando a compreender todo o envolvimento deste território no processo de conquista e romanização que lhe sucedeu.

O séc. II a.C. foi, todo ele, eivado de uma forte instabilidade no seio dos povos do meio-dia peninsular, estando os relatos dos autores clássicos repletos de conflitos e movimentações populacionais e militares resultantes de um longo processo de conquista. Estamos, então, em crer que, a emergência e desaparição destes aglomerados populacionais no topo das serranias deverá resultar de todo este contexto de instabilidade que se instalou no território centro alentejano durante um século particularmente belicoso, mas fulcral na implantação do poder de Roma. Na realidade, como bem aponta L. Berrocal (1996, p. 419), não terá sido a morte de Viriato que viria a pacificar o sudoeste peninsular, e em particular o Alentejo, sendo justamente após a desaparição do herói lusitano que se deveria ter processado a verdadeira conquista e pacificação deste território.

Ainda que seja certamente sugestiva a aproximação destes no alto das serranias alentejanas às realidades resultantes das Guerras Lusitanas, julgamos necessário, contudo, manter uma posição mais prudente, sem esquecer, todavia, a leitura idílica dos monges da serra d'Ossa que apreenderam os antigos vestígios de "povoações" no topo das serranias como indícios explícitos dos refúgios de Viriato, de onde saiu a dar combate e derrota aos senhores de Roma (*Crónica dos Eremitas da Serra d'Ossa*, 1745).

Bibliografia:

- ALARÇAO, J. (1988a) - *Roman Portugal*. 3 vols. Warminster. Aris & Phillips.
- ALARÇAO, J. (1988b) - *O domínio romano em Portugal*. Mem Martins: Europa-América.
- ALMEIDA, J. (1945) - *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. 3 vols, Lisboa, Império.
- ALONSO SÁNCHEZ; FERNANDEZ CORRALES, (2000) El proceso de romanización de la Lusitania Oriental: la creación de asentamientos militares In: GORGES, NOGALES BASARRATE, Sociedad y Cultura en la Lusitania romana, p. 85-99
- BERROCAL, L. (1992) Los pueblos célticos del suroeste peninsular. Madrid: Universidad Complutense. Complutum Extra, 6.
- BERROCAL, L. (1996) - Fortificación, guerra y poblamiento en la Beturia: consideraciones sobre el altar de Capote y la conquista del suroeste. *Revista de Estudios Extremeños*, 52 (II), Mayo-Agosto, p. 411-440.
- BLÁZQUEZ, J.; MONTENEGRO, A.; ROLDÁN, J.; MANGAS, J.; TEJA, R.; SAYAS, J.; GARCÍA IGLESIAS, L.; ARCE, J. (1988) *Historia de España Antigua*. Madrid: Cátedra. Tomo II
- CALADO, M. (1993) - *Carta arqueológica do Alandroal*. Alandroal, Câmara Municipal do Alandroal.
- CALADO, M.; ROCHA, L. (1997) - Povoamento da Idade do Ferro no Alentejo Central. *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*. Reguengos de Monsaraz. 1, p. 99-130.
- CALADO, M.; MATALOTO, R.; PISCO, M. (1999) - Povoamento Proto-histórico no Alentejo Central. *Revista de Guimarães* – volume especial-Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmento. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento. Vol. I, p. 363-386.
- CALADO, M.; DEUS, M.; MATALOTO, R. (2000) - O sítio dos Soeiros (Arraiolos): uma abordagem preliminar. *Revista de Guimarães* – volume especial - Actas do Congresso de Proto-História Europeia – Centenário da morte de Martins Sarmento. Guimarães. Sociedade Martins Sarmento. Vol. II, p. 759-774.
- CALADO, M.; MATALOTO, R. (2001) - *Carta Arqueológica do Redondo*. Câmara Municipal de Redondo.
- FABIÃO, C. (1989) - *Sobre as ânforas do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)*. Lisboa, UNIARQ/INIC (Cadernos da Uniarq, 1).
- FABIÃO, C. (1992) O Passado proto-histórico e romano. In MATTO-SO, J., ed.. *História de Portugal*. Vol. 1: *antes de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 79-299.
- FABIÃO, C. (1996) - O povoado da Cabeça de Vaiamonte (Monforte). A *Cidade-Revista Cultural de Portalegre*. Nova Série. Lisboa. 11, p. 31-80.
- FABIÃO, C. (1998) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*, Dissertação de Doutoramento em Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Vol.II, policopiado.
- GIBSON, C. ; CORREIA, V.H.; BURGESS, C. (1998) - Alto do Castelinho da Serra (Montenor-o-Novo, Évora, Portugal) A Preliminary Report on the excavations at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-93. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 0, p.191-244.
- GONÇALVES, A.; MORÁN, E.; POSSELT, M.; TEICHNER, F. (1999) - New aspects of the romanization of the Alto Alentejo (Portugal): evidence from a geophysical and archeological survey at the Monte da Nora (Terrugem). *Arqueología*. Porto. 24, p.101-110.
- HENRIQUE DE SANTO ANTÓNIO, (Frei) (1745) - *Chrónica dos Eremitas da Serra de Ossa*. Lisboa: Oficina de Francisco da Silva.
- LÓPEZ MELERO, R.; SÁNCHEZ ABAL, J.; GARCÍA JIMÉNEZ, S. (1984) El bronce de Alcántara. Una *deditio* del 104 a.C. Gérion. Madrid: Universidad Complutense. 2, p. 265-323.
- MAIA, M. (1986) - Os *Castella* do Sul de Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Heidelberg. 27, p.195-223.
- MATALOTO, R. (2004) Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa: ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. Trabalhos de Arqueologia. 37.
- ORTIZ ROMERO, P. (1995) - De recintos, Torres y Fortines: usos (

- y abusos). *Extremadura Arqueológica*.V, p.177-193.
- ORTIZ ROMERO, P.; RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (1998) Culturas indígenas y Romanización en Extremadura: Castros, *Oppida* y Recintos ciclópeos. In RODRÍGUEZ DÍAZ, A. (Coord.) - *Extremadura Protophistórica: paleoambiente, economía e poblamiento*. Cáceres, p. 247-278.
- PEREIRA, Gabriel (1889) - O santuário de Endovéllico. *Revista Arqueológica*, Lisboa, 3, pp. 145-149.
- RODRÍGUEZ DÍAZ, A. e ORTIZ ROMERO, P. (1986) - Avance a primera campaña de excavación en el Recinto-Torre de Hijovejo (Quintana de la Serena). El sondeo núm.2. *Norba*, 7, p. 25-41.
- ROLDÁN, J.M.(1985a) - Las Provincias Hispanas en la Era de Pompeyo. In Blázquez, J.M. et alii, *Historia de la España Antigua , II España Romana*, 2^a Ed., Madrid: Catedra, p.141-154.
- ROLDÁN, J.M.(1985b) - La Guerra Civil entre César e Pompeyo (49-31 a.C.).In Blázquez, J.M. et alii, *Historia de la España Antigua , II España Romana*, 2^a Ed., Madrid: Catedra, p.155-174.
- ROLDÁN, J.M.(1985c) - La Romanización.In Blázquez, J.M. et alii, *Historia de la España Antigua , II España Romana*, 2^a Ed., Madrid: Catedra, p.175-224.
- SOARES, J.; SILVA, C.T. (1973) - Ocupação do período proto-romano do povoado do Pedrão (Setúbal). Actas das II Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1972). vol.I, Lisboa, p. 245-305.
- WAHL, J. (1985) - Castelo da Lousa: Ein Whergeöft Caesarich-Augusteischer Zeit. *Madridrer Mitteilungen*. 26, p.150-176.